

Um tríptico: sobre projetos sociais da psicanálise migrante

A triptych: on the social projects of migrant psychoanalysis

Fania Izhaki*

Introdução

Os artigos que se seguem formalizam as falas da mesa redonda *Psicanálise em extensão: extensões em psicanálise*, realizada no CPRJ em novembro de 2022. Neles, três psicanalistas expõem projetos sociais em que a psicanálise migrou seja para o atendimento de populações historicamente desassistidas de cuidados de saúde mental, seja trabalhando com grupos de migrantes – numa sala de pré-vestibular comunitário ou numa oficina de mulheres em uma instituição cultural.

Nesta introdução gostaríamos de destacar características destes projetos inovadores, propondo uma leitura em forma de tríptico que evidencie a potência das questões abordadas e das opções metodológicas dos três projetos: o *Projeto Ponte* (migrantes), o *Projeto Travessia* (mulheres em instituição cultural) e o *Projeto Tá na Roda* (vestibular comunitário).

A migração da psicanálise teve início ainda com Freud quando, em 1918, propôs a institucionalização das clínicas públicas como forma de a população em geral ter acesso à psicanálise. As clínicas públicas de Berlim, Viena e Budapeste floresceram e influenciaram o movimento psicanalítico. No Brasil, Katrin Kemper – antiga participante da Clínica popular de Berlim – e Hélio Pellegrino fundaram em 1973 uma Clínica social pioneira no atendimento a preços simbólicos e com o funcionamento baseado em banco de horas concomitantemente à criação do CPRJ. Hoje, mais uma vez, a democratização da psicanálise está no foco do movimento psicanalítico brasileiro, sendo o atendimento de populações desassistidas e fora do consultório um dos eixos deste processo.

* Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Doutora em medicina social pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/ UERJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. faniaizhaki@hotmail.com

Weissmann, no artigo sobre o *Projeto Ponte*, propõe o conceito de interculturalidade como o principal articulador da experiência subjetiva de migrar. Descreve a interculturalidade como um “[...] processo de apropriação e de pertença da cultura de origem, junto ao processo de incluir e tornar próprios modos de circulação social e de compreensão cultural do novo país de migração” (WEISSMANN, 2019, p. 247).

Quando o trabalho de psicanalistas migra, o conceito de interculturalidade também pode ser tomado como articulador desta migração. Os três projetos apresentados se perguntam constantemente de que se apropriarão a partir de seu pertencimento, de sua prática clínica e de seus estudos da clínica em consultório, para circular na realidade do sofrimento psíquico das populações que se propõem a atender e do atendimento em espaços institucionais fora do consultório. São bastante cuidadosos e éticos na institucionalização dessa interculturalidade que se faz em processo.

Os três projetos optam pelo atendimento em grupo

Embora a questão não seja diretamente problematizada por nenhum dos artigos, há neles pistas daquilo que os levou a tal opção. Rocha afirma, em seu artigo sobre o *Projeto Travessia*, que “nosso trabalho se realiza preferencialmente em grupo.... A preferência por esta modalidade deve-se à noção de que a contenção grupal é um fator propulsor da elaboração psíquica individual. Através de diferentes identificações e vínculos emocionais, o espaço grupal possibilita novas experiências de sociabilidade, o exercício das trocas intersubjetivas, a construção e o compartilhamento de novas narrativas”.

Já Klautau esclarece que o *Tá na roda* propõe “um trabalho de escuta a ser efetuado *no coletivo e através do coletivo*”. Enfatiza a importância do trabalho em grupo para a ocorrência do intercâmbio entre identificações e projeções que propiciam um trabalho coletivo de elaboração de sofrimentos socialmente produzidos, capaz de desnaturalizar mecanismos de defesa que os mantinham silenciados na esfera individual, propiciando seu compartilhamento, seu reconhecimento e nomeação”.

Trabalhar em grupo parece ser, então, uma opção que potencializa elaborações. Ainda assim, há que ressaltar sua diversidade: enquanto o *Travessia* intervém sob demanda em grupos de cinco a dez pessoas – de forma presencial ou remota – o *Tá na roda* propõe sua intervenção presencial para turmas já formadas de vestibulandos que têm em média 35 participantes.

Os três projetos trabalham com sujeitos que vivenciam situações e processos de transição

Cada um dos projetos se depara ao longo dos encontros com processos de transição e sofrimentos específicos cujo reconhecimento é fundamental na definição do dispositivo clínico a ser adotado.

Weissmann propõe que reflitamos sobre o trabalho psicanalítico com migrantes – aqueles que se deslocam no espaço e precisam enfrentar mudanças culturais e de vínculos, por vezes acrescidas de mudanças de língua. Propõe o conceito de interculturalidade como o principal articulador da experiência subjetiva de migrar. E adverte que a construção da identidade intercultural será “uma produção própria e inédita de cada sujeito, sob a influência de diferentes culturas. A constituição dessa identidade intercultural está em contínua transformação a vida toda, naqueles sujeitos que conseguem apreender e se fazer donos daquilo que as diversas culturas oferecem, somando à sua constituição intersubjetiva intercultural” (WEISSMANN, 2019, p. 243).

Para Klautau a construção de dispositivos coletivos de escuta em um pré-vestibular comunitário tem o intuito de ofertar um espaço de elaboração para um momento transitório marcado pela busca de um futuro profissional, oferecendo uma escuta tanto para o reconhecimento e para a legitimação de questões típicas do período da adolescência, quanto para dar voz ao desamparo socialmente produzido e banalizado pelo discurso neoliberal e pela reprodução de práticas coloniais.

Para essa Autora, ouvir jovens oriundos da periferia nos faz testemunhar “a presença de um tipo de sofrimento cuja raiz extrapola o universo da idiosincrasia individual, revelando como sofrimentos podem ser socialmente produzidos, inscrevendo marcas – oriundas da invalidação, da depreciação e da desqualificação – que tatuam a negatividade como constitutiva da própria imagem, fazendo com que os sujeitos só alcancem reconhecimento simbólico a partir da condição de inadequação.

Carreiro (2003) defende a ideia de que “sofrimentos de origem social são incrustados nas subjetividades sem serem compartilhados coletivamente. O uso do dispositivo grupal possibilita a circulação da palavra e coloca em cena sofrimentos que estavam, até então, silenciados”.

O que há de comum nas populações atendidas pelo projeto *Travessia* é a condição de precariedade e o estado de vulnerabilidade social. Suas intervenções são conduzidas focadas no sofrimento psíquico gerado pela violência, pela vulnerabilidade psíquica e pela exclusão social. Rocha adverte que, “fre-

quentemente, a clínica extensa se organiza para dar conta do excesso, do traumático, do que se encontra à margem da simbolização”. Para Rocha,

em todas intervenções clínicas que levam em conta a questão do trauma, o trabalho psíquico será no sentido de desalojar as defesas e os afetos da experiência traumática, possibilitando a criação de novas narrativas. Para tanto, o próprio espaço da experiência psicanalítica é concebido como potência criativa, tomado como objeto transformacional, de acordo com a conceitualização de Bollas (2015), isto é, um objeto que possui a qualidade de promover investimentos a serviço do narcisismo e de soluções criativas. A experiência psicanalítica se mostra como um processo que possibilita transformar a visão do mundo externo e do próprio sujeito consigo mesmo. O espaço de confiança dessa experiência deve ser sustentado por um ambiente físico empático, continente, em que seja testemunhada a dor psíquica.

Facilitar o processo de interculturalidade de migrantes, intervir para ajudar sujeitos a dar conta do excesso, do traumático e do que se encontra à margem da simbolização e facilitar a elaboração de questões típicas da adolescência e daquelas socialmente produzidas, são transições especialmente trabalhadas respectivamente pelos três projetos. Isto não exclui outros efeitos. Tanto Klautau quanto Rocha salientam os efeitos políticos de seus trabalhos. Parafraseando Klautau, o *Tá na roda* vem desencadeando um movimento *no coletivo e através do coletivo* que possibilita tanto o deslocamento de posições fixadas no laço social quanto a produção de interações coletivas criadoras de pensamento crítico. Desta forma, a circulação da palavra passa a possuir efeitos tanto clínicos como políticos.

Os três projetos criam dispositivos de trabalho clínico

De um modo geral, os três projetos estão sempre abertos para trabalhar sofrimentos emergentes ao longo dos encontros e não hesitam em ir reestruturando sua metodologia de trabalho criando dispositivos que adotam uma postura ética de realizar “uma clínica sob medida para cada situação. (...) associada a uma postura analítica implicada, que leva em conta as especificidades da condição social de cada população a quem se pretende atender”, como afirma Rocha ao falar do projeto *Travessia*.

Weissmann permite que os participantes possam entrar e sair dos grupos, uma vez que reconhece o movimento de afastamento e aproximação como um

modo peculiar do migrante de fazer vínculo. A permanência no projeto depende então da frequência dos participantes e a estabilidade é garantida pelos terapeutas, os horários e os dias de atendimento, independentemente do grupo presente a cada dia.

Rocha, em seu artigo, prioriza o trabalho clínico de resgate da experiência traumática no qual

a mobilização da função associativa, apoiada na função de *holding* e continente da escuta polifônica, pode ser acionada pelas vias sensoriais que, por sua vez, possuem condição de acessar registros psíquicos que não alçaram à simbolização. Aposta, então, na potência das intervenções estéticas, que não passam pela representação de palavra, mas que podem produzi-la. São intervenções que ‘puxam a fala’, como diz Pablo Castanho (2012).

Utiliza colagens, pinturas, composição de textos e dramatizações numa

proposta experiencial-reflexiva – no sentido de que trabalhamos conjuntamente duas dimensões processuais: há um primeiro momento de fruição da experiência, em que a proposta é deixar-se afetar pela atividade, entregando-se à experiência perceptiva e de criação; e um segundo momento, em que pode-se apresentar o que foi produzido, olhar de outro ângulo, conversar sobre a experiência e refletir sobre seu impacto em si mesmo e nos outros. Com a mediação de estímulos artísticos e vivências sensoriais compartilhadas, temos acesso à expressão de pensamentos e emoções, criando possibilidades lúdicas e criativas de elaborar as experiências traumáticas vividas. Busca-se a instalação de um espaço de confiança para que a dor psíquica e as angústias se transformem em narrativas, abrindo a possibilidade de mobilização narcísica e compondo uma rede de reconhecimento e cuidado mútuos. Na medida em que são testemunhadas e acolhidas, essas angústias podem ganhar outros destinos.

Em sua prática almeja

criar um espaço lúdico, em que o contínuo fluxo de pensamentos e sentimentos possa estar suscetível a ser reestruturado, ao ser novamente experimentado no contexto de cada novo encontro. Nesse espaço, situado entre as experiências de ilusão e desilusão, o sujeito interage e diferencia a fantasia da realidade, tornando-se capaz de se comunicar consigo mesmo e com o mundo. Através do brincar, existe algo mais em jogo que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à

ação (...). Nesse processo, a instalação de ritmos nas narrativas serve de apoio às emoções e às experiências dos sujeitos. Essa qualidade de brincar e de jogar em ritmos próprios ou coletivos encontra nas linguagens artísticas, experienciadas em grupo, um potente suporte provocativo.

A abordagem clínica adotada no projeto apoiada na utilização de dispositivos lúdicos e estéticos sob medida “possibilitou que uma integrante do grupo narrasse o inenarrável, com ressonância em todos os participantes envolvidos”.

O projeto *Tá na Roda* é realizado através de grupos operativos semanais gratuitos (PICHON-RIVIÈRE, 1980), com uma hora e vinte minutos de duração, dedicados à escuta e à elaboração de questões que permeiam o processo de preparação para a entrada na universidade. A tarefa do grupo operativo é a instituição de uma associação livre coletivizada.

Partindo da premissa de que grupos operativos são estruturados por mecanismos de autorregulação e são colocados em funcionamento por um coordenador munido da tarefa de fazer a palavra circular, o seguinte convite é feito aos participantes: *o que vocês querem colocar na roda hoje?* Esse pontapé inicial, convoca os jovens a coletivizarem algo de si. O objetivo principal desse convite é possibilitar a construção de um processo de associação livre coletivizada capaz de permitir que cada participante possa tomar a palavra e agir inspirado pelo discurso dos outros, realizando um trânsito de identificações: projetando-se nos outros, os jovens encontraram possibilidades tanto de se identificarem quanto de se diferenciarem. Dessa forma, os mecanismos de identificação e de projeção funcionam como ferramentas de trabalho para instaurar a possibilidade de os participantes escutarem e serem escutados: ao mesmo tempo em que falam de si, falam do outro e até mesmo pelo outro.

Para a garantir o funcionamento do dispositivo, semanalmente, a equipe de trabalho atua revezando duas funções que são efetuadas dentro e fora das rodas: a tarefa de fazer a palavra circular (coordenadores) e o registro de como o exercício de associação livre se configurou – isto é, a escrita de um diário de campo que funciona como um registro dos encontros (cronistas) seguindo a metodologia de trabalho proposta por Broide e Broide (2016).

O diário de campo funciona como uma bússola para o trabalho a ser realizado. Toda semana nos reunimos para discutir as crônicas. Além de debatermos sobre os temas que foram colocados na roda, as afetações da equipe e os obstáculos encontrados na

tarrafa de fazer a palavra circular, na maioria das vezes, travamos uma discussão em torno do que há de latente no conteúdo manifesto produzido pelo grupo a partir do exercício de associação livre coletivizada. O material latente, ao se tornar manifesto, pode operar como uma espécie de ferramenta clínica propícia para estabelecer uma continuidade entre as rodas e, também, para destravar o movimento de resistência e retirar o grupo da pré-tarefa, funcionando, assim, como propulsor do movimento de associação livre coletivizada.

Tornar manifesto o que estava latente, também pode produzir um efeito de reconhecimento, de asseguramento de que o conteúdo emergente da dimensão singular se propagou para o coletivo e está saindo do silenciamento, ganhando voz e sendo colocado em palavras. Esse movimento passou a fazer parte do nosso enquadre e a ser chamado, pela nossa equipe, de *amarração*. Amarração latente e manifesto, pode atuar, também, como um fator terapêutico, propiciando o reconhecimento de conteúdos que estavam invisibilizados. Dessa maneira, a escuta psicanalítica pode operar no âmbito coletivo como um instrumento de cuidado.

Nesta introdução destacamos algumas das características dos dispositivos clínicos utilizados que pareceram dar conta da riqueza criativa e da postura ética adotada por cada um dos projetos. Este foi nosso convite à leitura atenta a cada um dos textos que se seguem louvando sua contribuição ao movimento de democratização da psicanálise.